

BRASIL-PORTUGAL

16 DE FEVEREIRO DE 1904

N.º 122



Condessa de Arnoso
(Chapéu Gainsborough)



D. Isabel de Mello (Sabugosa)
(Maria Stuart)



D. Anna Pinheiro de Mello (Arnoso)
(D. Maria II)



D. Beatriz Anjos Ferreira
(Chapéu Luiz XVI)

O baile de "têtes,, em casa da senhora condessa d'Almedina

Portas a dentro

OS MESSIAS



Quaes são os verdadeiros? Quaes são os falsos? Eis a suprema, a actual interrogação da politica portugueza.

Que o povo de Israel anda tresmalhado não resta duvida e d'ahi a perplexidade, a confusão dos espiritos. De que lado surge afinal o redemptor desejado? Para onde se dirige? Qual a estrella que o guia?

De tudo uma coisa só se apura: que a porta neutral, a porta da nova Jerusalem para onde as multidões se dirigem, é a gare do Rocio. E' por ahi que elles passam todos, é ahi que as hostes lhes dão palmas e levantam vivas. Mas como romanos e phariseus, atheus e crentes, argentarios e vagabundos, se reu-

nem sobre o mesmo asphalto e se abrigam sob o mesmo céu de vidro, e todos fazem da estação do caminho de ferro o mesmo templo, onde as religiões se fundem e os ritos se misturam, d'ahi a duvida que assalta os espiritos sobre a fé e sobre a crença de tanta gente.

Ainda se não chegou mesmo a averiguar, e já se deu a esse trabalho um companheiro nosso, se são os correligionarios republicanos que pullulam quando assoma á portinhola do comboio o Messias Franco ou se são os crentes franquistas que se salientam quando por seu turno surge a cabeça apostolica do Messias Bernardino.

E' certo tambem que n'essas multidões compactas e fervorosas restos constituintes, reliquias esquerdo-dynasticas, sombras historicas e reformisticas, progressistas de pura gemma e regeneradores da velha guarda se teem introduzido á socapa e formado uma pittoresca *mayonnaise* em que o barrete phrygio póe a sua nota apimentada e picante.

E n'essas ovações entusiasticas aos Messias que chegam munidos de um bonet de viagem, de uma maleta com os varios apetrechos para a campanha e de um bilhete de primeira classe, por tal maneira a confusão retumba e os silvos agudos da locomotiva desafinam com os gritos apopleticos dos galopins, que quem esteja a observar com serenidade reconhece que na bandeira de todos os Messias que apparecem não ha por ora senão esta divisa: trapaalhada.

Se pelas recepções estrondosas se pretende cotar o valor de todos elles, mais a confusão retumba e as idéas se baralham ao notar-se que monarchicos e republicanos, francaceos e machados, todos teem tido as mesmas ovações delirantes, a mesma confusão de gentes, as mesmas honras... policiaes, e os mesmos hymnos de chegada. D'onde se infere que os povos medem hoje os Messias pela mesma bitola e que hoje como hontem os espectaculos mais concorridos continuam a ser os espectaculos... de graça.

Não sabemos se virá um dia em que a Republica corra a salvar-nos, se a ella estará reservado o poder de debellar todas as crises de que enfermamos. Mas não se illuda o sr. Bernardino Machado, nem tome por canticos de victoria os berros desafinados que ouvír á sahida dos comboios. Não pense o sr. João Franco que os que formam alas compactas para o ver passar acreditam que está encarnada na sua figura franzina e nervosa a... salvação da patria.

Houve um momento angustioso para a nação em que se voltaram todos os olhares e todas as esperanças para o sr. José Dias Ferreira, o Zé Dias da Janeirinha. E a opinião por tal fórma se impoz que elle foi chamado a governar a nação. Trazia ao seu lado um homem de talento superior, espirito pujante e abalisado economista. N'esse momento os dois constituíam para a nação inteira *spes unica*, para toda a nação sem excluir a parte republicana, porque até para essa o sr. José Dias era de todos os politicos o... pé fresco.

Deu-se mesmo um caso tão anormal que elle só por si traduz a opinião publica e explica todo o acolhimento caloroso e ovacional feito a um governo novo.

Quando no parlamento o ministro da fazenda, o erudito homem de letras, philosopho e pensador grave, que se chamava Oliveira Martins, desenrolava o seu plano economico e annunciava córtés profundos, a começar pelo funcionalismo, essa camara de deputados, onde raros eram os que não tinham um logar na burocracia, recebeu as propostas que lhe iam reduzir os vencimentos com uma salva de palmas.

Pois ainda o ministerio não tinha chegado ao seu termo e já o ministro da fazenda sahia pela mesma porta por onde tinha entrado, e o chefe do governo abandonava d'ahi a pouco o seu posto, na certeza de que não tornaria a occupal-o, transformando as esperanças em decepções, e legando a todos os espiritos uma desillusão pavorosa.

O bispo de Vizeu, de honrada memoria, tambem um dia surgiu ao paiz como o salvador... sagrado, visto que outros profanos já tinham dado em vasa barris.

Foi um Messias que se quiz dar em holocausto ao seu proprio programma; iniciou o governo reduzindo as despesas publicas, e começou por si; fez nos seus honorarios de bispo um córte de 50 por cento. Era a abnegação transformada em plano ministerial. Pois não correram muitos mezes que o bispo não fosse sacudido do governo pela troça, pela galhofa, que é de todas as armas a mais certa.

Já os Messias de hoje podem ver que de nada valem os entusias-

mos nas estações, nem as ovações aos programmas, nem as palmas nos banquetes, nem os proprios applausos dentro do parlamento. E' que a engrenagem politica que tem por pedestal a tradição pode mais que todos os programmas e as exigencias de governo destroem todas as promessas e aniquilam todos os processos novos. Haja vista ao plano fazendario do sr. Anselmo d'Andrade e á molina sorte que o esperou. Sabem tudo isto muito bem alguns dos que dão palmas e vivas, mas nem porisso de xam de manifestar-se porque... não pagam nada. Se os que nas estações dos comboios applaudem phreneticamente os Messias tiverem de gastar cinco tostões por cabeça, esses Messias teriam a recebel-os apenas... a solidão e o silencio.

Francisco José Tavares

† em Faro a 11-2-904



Morreu com 88 annos pois nascera em 16 de novembro de 1816. Consagrou quasi 70 annos ao serviço consular. Era o consul mais antigo da Inglaterra, e antigo vice-consul da Alemanha e da America em Faro. Foi educado na Hollanda, onde casou. Falava numerosas linguas e era considerado e bemquisto em todo o Algarve, onde creou numerosa familia.

Era pae de Lorjô Tavares, director do «Brasil-Portugal».

CHRONICA

A ALEGRIA postíga do Carnaval de hoje, essa alegria a prazo fixo, antecipadamente marcada na folhinha e que deve, a determinadas horas de determinado dia, dominar o espirito e absorver todas as preocupações, tem para mim uma acção, que não direi ser de irreprimivel revolta, mas que é de irreistível semsaboria. As mascaras que se cruzam nas ruas, exprimindo o contentamento com guinehos desentoados, ostentando a riqueza em europeis falsos ou exaggerando a miseria n'uma farrapagem sordida, dão-me uma impressão deseconsoladora, provocam-me uma tristeza oppressiva, fazem-me procurar o isolamento e o silencio, na aspiração melancolica d'un alheamento absoluto com toda essa folia incomprehendida. Os bailes em que se dança, com infatigavel desespero, para expressar em movimentos d'epilepsia aguda, o prazer de horas assim incommodamente passadas, deixam-me absorto n'um pasmo quasi doloroso — porque não acerto a comprehender, porque é que tanta gente sente um acrescensamento de goso, só pela circumstancia de, n'essa noite, andar com a cara tapada, para evitar que a conheçam, e sente uma maior intensidade no prazer, só por forçar as cordas vocaes a um continuado e desagradavel falsete, para lograr não ser reconhecida!

Se esta é a minha impressão a respeito do Carnaval e dos seus divertimentos, a observação sobre as impressões alheias tem-me levado a reconhecer que, d'anno para anno, vão progressivamente diminuindo os que mantinham, como um culto religioso, as folias do entrudo e as suas usanças tradicionaes. O ultimo deus-pagão vae-se! Embalde os seus sacerdotes procuram avivental-o, enghenhando novos canones, que permitam conciliar o ritual com cerimoniaes mais bodiernas. O bom senso vae predominando com os seus conselhos e o bom gosto vae triumphando com os seus direitos. As batalhas de flores, na epocha precisa em que as flores escasseiam, é um dispauteo destinado a perecer no ridiculo, amortalhado pela miseria, e tendo como anojosa sepultura a porearia dos lamaçães. Se as festas nas ruas, n'esta quadra do anno, serão sem-

pre sujas, nos theatros serão sempre bulhentas e nas salas serão sempre inspidas. E' preciso, pois, arrostar com o asco que a sujidade inspira, com as desordens que a crapula provoca e com o aborrecimento que as recepções cerimoniaes motivam, para que se alcance uma parcella de gozo n'estas festas extravagantes.

E' muito sacrificio.

O desaparecimento do Carnaval é irremediavel.

A geração a que pertenceram os paes d'aquelles que já hoje são avós, foi a contemporanea, entre nós, dos grandes folguedos, animados e ruidosos, cheios d'aventuras imprevisas, com mascaras originaes e brilhantes, em que não era raro usar da caretta postica para dizer coisas com espirito e vestir um dominó para provocar uma entrevista d'amor, mais acirante por ser assim reatada com o disfarce. Nas ruas travavam-se batalhas tão accesas... que algumas vezes foi preciso acudir-lhes, apagando-as com jactos d'agulheta d'incendio. Mas aquelles a quem mais agradava envolvem-se em conflictos, que algumas vezes tiveram reimate mais desastroso do que o que importava o sacrificio da farpella esfarrapada, reservavam-se para as tres noites de bailes de mascaras em S. Carlos. Como por esse tempo os caminhos de ferro ainda não tinham transformado as fronteiras n'uma mera expressão geographica, as hespanholas eram, n'esses bailes afanados, concorrentes ignoradas. D'esta escassez d'elemento estranho á nacionalidade resultava que muitas senhoras, sem receio d'uma excessiva, d'uma quasi absorvente promiscuidade, se abalçavam a disfarçar-se e a correrem o risco de tentações, com que o diabo muito folgava. Ora por mais que se procure denegir o caracter malefico do anjo caído, a eterna verdade mandará confessar aos peccadores que uma das mais seductoras e irresistiveis tendencias da humanidade é o culto e a volubildade no amor. Para servir essa religião, condemnada mas eternamente viva, a mascara era de uma utilidade manifesta, e os bailes publicos d'um a proposito insubstituivel. Desde que as damas que hoje os frequentam, não dão surpresas — que exaltem o orgulho dos que lhe offerecem a ceia complementar d'estas festas muito puladas mas muito exaustivas, — o encanto superior do baile publico desapareceu.

Por outro lado, suppor que as sensações perturbantes que davam esses encontros inesperados possam encontrar substituição compensadora nas reuniões familiares de hoje, em que a extravagancia só tem como tributo a valsa, compassada a tres tempos, e em que os brindes com o champagne espumante são apenas trocados na sala do buffete perante as mães vigilantes e os maridos desconfiados — o mesmo é que suppor alcançar com ingestões de limonadas gazosas as sensações e as hebedeiras produzidas pelas libações com vinhos subtis e capitosos.

O baile de mascaras — foi-se! O baile de mascaras — morreu! Se já não serve para os conspiradores assassinares reis, como na Suecia, nem sequer pode ser utilisado para... as pessoas decentes encontram amantes honestas, como se contava succeder no periodo aureo dos bailes da Opera, em Paris... e n'aquelles de que, entre nós, nos fala a Josephina Neuville, nas suas *Memorias*.

Pela parte que me diz respeito, vem a proposito confessar não ter perdido as illusões, que as festas carnavalescas em tempo me suggeriam, sem prender a esses desenganos algumas tentativas de reacção. Uma noite, espicaçado por esse desejo de encontrar a alegria onde tantos diziam divertir-se, fui em cata d'aventuras a um d'esses salões de baile, que os phantasistas dos jornaes da epocha descreviam, em noticias pomposas, como o logar mais privilegiado pela concorrência escolhida. Já lá vão vinte annos. Uma banda ruidosa tocava, no atrio, as musicas suggestivas das operettas em moda. Pelas escadas, ornamentadas com plantas, os mascaras subiam em bandos. Em cima, a multidão era compacta e no salão revolteavam um sem numero de pares, excitados pela orchestra, dirigida por um maestro notavel, especialmente contractado para dar todo *entrain* parisiense ás musicas saltitantes. As luzes em profusão, os vestuarios variiegados, as grinaldas de camelias dispostas graciosamente nas varandas das galerias, a bulha ruidosa formada pelas gargalhadas estridulas e pelos guinchos prazenteiros com que essa gente toda, n'uma expansão de felicidade, desterrava para longe todas as preoccupações e tristezas da vida, deu-me, por um momento, a illusão da alegria sincera. Logo de principio a minha attenção prendeu-se a um dominó, que, entre todos os que dançavam, accentuava uma certa elegancia no porte, contrastando com a pouca distincção do disfarce desbotado. Enquanto a orchestra se não interrompia, esse dominó não perdia um só compasso. Se um par se fatigava, outro era desde logo arrastado nos rodopios vertiginosos. De vez em quando via aquelle mascara extraordinario estremecer n'uma convulsão, que eu não percebia se era o rictus de uma dor, se era uma casquinada de riso. Logo que a musica cessou, elle, sem pronunciar uma palavra, abandonou a mulher que trazia nos braços, não como quem suspende uma diversão, mas como quem acabava com uma tarefa. Agora que não pulava, vi o dominó cambalear. A passos curtos, incertos, deseguaes, dirigiu-se a uma sala contigua, onde estavam instalados os vestiarios. Havia um pequeno canapé, ao fundo. Arrancou a mascara e estirou-se ali, dando me a impressão de que se mettia n'um esquite. Era um rapaz. Uma tosse convulsa sacudia-o. Sentia-se que, para poder respirar, o ar lhe passava, siblando, pelas cavernas pulmonares abertas pela tísica. O lenço que, no desespero do soffrimento, apertava contra os labios, estava asquerosamente embebido em pastas de sangue. Os olhos eram sem brilho; as faces, de uma lividez cadaverica, faziam destacar o azul bistrado de umas olheiras profundas. Dir-se-ia que ia morrer — quando se ouviu de novo a orchestra annunciando, com os primeiros compassos, que uma nova valsa ia principiar. N'um esforço supremo, aquelle farrapo humano ergueu-se de salto. Cobriu de novo a cara com o papelão pintado. Apertou o cordão do capuz do dominó, que antes arrancara n'uma ancia, como para libertar-se da estrangulação. E, entrando no salão, sempre cambaleando, mas sempre decidido no proposito, vi-o, com uma surpresa que me sacudia n'um

arripio de pavor, recomeçar a dança com a mesma furia e variar de par com a mesma volubildade...

Um dos porteiros, como a mim me succedera, seguira com olhar piedoso a scena afflicta e tragica que parecia ir ter o desenlace da morte n'aquelle canapé de vestibulo de salão de baile de mascaras. Fui pedir-lhe informações. Não me disse quem o rapaz era, disse-me o que elle fazia. Aquelle fisico era um dos que a empresa contractára para conveniente animação da festa. Ganhava dez tostões. A sua obrigação era aquella: dançar enquanto a orchestra tocasse. O desgraçado alugava-se para que as damas que vinham sem par, ou que o traziam sem saber usar d'essa prenda de salão, não ficassem privadas d'um dos prazeres que ali procuravam. Muitos outros, como elle, andavam na sala a dar á perna para, á saída, alta madrugada, terem dez tostões para dar que digerir a essa machina implacavel — o estomago...

Fiquei estonteado com a historia macabra d'este supplicio infernal. Sem esforço, a imaginação completou o que o porteiro me não dissera. Compreendi instinctivamente que esse rapaz dissipára em pouco tempo a fortuna e a saude. Não tinha um vintem — e tinha ainda alguns dias para viver. De toda a sua educação descuidada nada havia para garantir-lhe a lucta com a pobreza. Nada sabia fazer: — sabia apenas dançar. Tirava, pois, d'essa unica prenda o seu unico recurso. Alugava-se para o baile de mascaras, á noite. O Carnaval dava-lhe dez tostões, correspondendo, talvez, a um vintem por cada polka e a um pataco por cada contradança. Saldava com esses miseros cobses as suas derradeiras misérias. Sahia do mundo aos pulos e entrava a rodopiar pela vida eterna. Quando, pela madrugada, fossem chamar um trem para levar para o *restaurant* a ultima mulher a quem elle fizera voitar pelo salão, iriam tambem chamar nma maca para levar para o cemiterio essa ossada descarnada que a extravagancia entregava, por fim, á serena paz da valla rasa...

Foi com um arripio de pavor que sahí, com pressa, d'esse baile de mascaras. Quando eu entrava na escada, entrava de novo o tiseico no vestiario. Vinha repousar outra vez sobre o canapé, e cuspir, — quem sabe? — a ultima parcella dos pulmões desfeita. Já lá vão vinte annos. Tenho ainda na retina a imagem, bem fixa, do personagem — e na memoria a gravura, indelevel, de todas as impressões. Escrevi aqui sem nenhum artificio. Reproduzi-as sem nenhuma hesitação. Se o Carnaval e os seus divertimentos me não entusiasmavam já, a lamentosa historia que n'este baile de mascaras surprehendi comprehende-se que não podia revirar as anteriores impressões.

Póde objectar-se que para encontrar a alegria n'esses bailes é preciso preparar antecipadamente companheiros alegres. Foi outra das illusões que perdi. Os bailes de mascaras são notavelmente tristes... para as pessoas alegres.

Eramos cinco. Uma vez combinámos juntar-nos em S. Carlos para irmos, depois do espectáculo, a um dos bailes, então muito afamados, no salão e no theatro de D. Maria. Os meus companheiros eram Carlos Lobo d'Avila, Antonio Candido, Marçal Pacheco e Alberto Braga. Não era possivel juntar quem, no mundo politico em que especialmente viviamos, melhor pendesse para a alegria communicativa.

Carlos Lobo d'Avila tinha a graça esfusante, a replica prompta, o dicto inesperado lançado n'um grande arrebatamento de mocidade. Para elle a vicia parecia abrir-se n'um canto triumphal e largo. Sorriam-lhe todas as esperanças. Tinha direito a todas as aspirações. No jornal a sua penna era d'uma flexibilidade que abrangia todas as questões. No parlamento a sua palavra era d'um brilho que dia a dia ia ressaltando em todos os debates.

Antonio Candido, o orador incomparavel, tinha a viva alegria como tem ainda hoje, na intimidade, a mais funda seducção d'encanto. A sua alegria nunca vae até ao esquecimento d'uma attenção affectuosa. A graça espontanea nunca toma formas que não revistam como que uma caricia bondosa. Sabe todos os segredos da palavra obrigando a a traduzir os conceitos mais impressivos, dentro das formulas mais simples e artisticas. Os seus dictos, n'uma conversa animada e amiga, valeram-lhe por esse tempo ovacões tão calorosas como as que os seus deuses lhe proporcionavam nas camaras. Na sala das *Novidades*, mais d'uma voz succedeu, interromper-se um d'esses duellos a estocadas d'espirito, para celebrar com palmas uma das suas *boutades* humoristicas.

Marçal Pacheco era o espirito mais subtil que eu tenho encontrado. Nunca houve ironista mais fecundo, e narrador d'anecdotes mais apropiatadas e picareseas, alegrando e aviventando uma conversa e um debate. «A parábola era formula preferida pelo Christo para as leccionações aos discipulos», dizia elle, expressando a sua tendencia ao recurso da anecdota, de que sabia tirar effeitos irresistiveis de graça. Na conversa sabia prender-nos pela forma absolutamente original do pensamento — e na discussão sabia enleiar-nos pela sophismática habilissima de todos os preceitos consagrados. Podia resistir se á convicção que elle procurava impor-nos; era raro encontrar-se recurso para rebater a opinião que elle muito especiosamente formulava.

Alberto Braga é o conversador mais alegre que pode desejar-se. Os seus habitos litterarios, a sua vida na melhor sociedade, a analyse com que o seu espirito perscruta todas as faces das relações que estabelece, não lhe dão só pretexto, para contos admiraveis, em que a vida real é reproduzida em notas precisas e animadas. Dão-lhe, tambem, a fidelidade d'intervi: sempre com o dicto gracioso, atravessando n'uma alfinetada rapida, a theoria ou assumpto com que queiram embaraçal-o. Durante os largos annos que passaram na nossa convivencia na mesma redacção, nunca uma sombra de tristeza se demorou sobre o meu espirito, quando elle se acercava a contar o ultimo episodio surprehendido pela sua observação. Todos os homens lhe servem e todas as circumstancias da vida lhe aproveitam. Da fidelidade com que tudo é photographado, ressaltam, como succede com as chapas dos instantaneos, as attitudes mais comicas, e o ridiculo surprehendido em flagrante.

Com taes companheiros era de prever que um baile de masearas seria, finalmente, uma festa de alegria, com muitos episodios dignos de narração, — não é verdade? Pois bem: perdi a ultima illusão! Todos esses homens d'espírito tão culto, ordinariamente expansivos, então procurando occasiões para divertirem-se, — succumbiram, dentro de meia hora, ao peso d'um fundo aborrecimento. Declarando-nos, convictamente, invencíveis sensaborões, resolvemos dar, a nós mesmos, a satisfação correspondente á descoberta da nossa incompatibilidade com aquella folia, que era ruidosa mas nos parecia estulta. Fomos embora, e abancá-

mos no *Ledão D'ouro*... a comer, alegremente, meio bife com batatas... Sirva a sinceridade com que dou publicidade ao feito para absolver, mortos e vivos, do mau gosto n'essa noite revelado. O bife e as batatas, foi ali solemnemente declarado, como goso e como regalo, um prazer superior a um baile com masearas. E' que a pimenta que polvilhava sabiamente a carne do assem era de Cayenna, e os dictos apimentados das masearas que se nos dirigiram em D. Maria, eram... da travessa do Capellão.

J. BARROSA COLEN.



D. Sara Hamilton de Fialho

Esposa do ministro do Brasil em Lisboa



Dr. Alberto Fialho

Ministro do Brasil em Lisboa



Dr. Manuel da Silva Pontes

Consul do Brasil em Lisboa



D. Hermantine Langaard de Menezes Pontes

Esposa do consul do Brasil em Lisboa



ALMIRANTE BARROSO — Inauguração da Lápide

N'este prédio que tem o n.º 17 na rua Garrett onde nasceu o illustre official de marinha brasileira Francisco Manoel Barroso da Silva, foi collocada por uma commissão de compatriotas e de jornalistas portuguezes, correspondentes de jornaes fluminenses, uma lapide entre duas janellas do primeiro andar. A cerimonia da inauguração realisou-se no dia 30 de janeiro com a assistencia do sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros, representando o governo, Ministro do Brasil n'esta corte, Presidente da Camara Municipal de Lisboa e outros cavalheiros. O auto assignado foi o seguinte:

Aos trinta dias do mez de janeiro de mil novecentos e quatro, nos paços do concelho de Lisboa, achando-se reunida a camara municipal d'esta mui nobre cidade e bem assim a commissão promotora da homenagem ao almirante brasileiro Francisco Manoel Barroso da Silva, o ministro dos Estados Unidos do Brasil com o secretario da legação e conselheiro geral, commandante e officiaes do cruzador *Benjamin Constant*, governador civil e mais pessoas que tinham sido convidadas officialmente para assistirem ao acto solemne da inauguração da lapide commemorativa do nascimento do glorioso heroe de Riachuelo, lapide que a referida commissão mandou collocar na fachada do prédio n.º 17, sito na rua Garrett, freguezia do Sacramento, com a inscripção: «Casa em que nasceu Francisco Manoel Barroso da Silva no dia 29 de setembro de 1804, em commemoração dos altos feitos por elle praticados na batalha naval de Riachuelo, um grapo de brasileiros mandou collocar esta lapide».

Pelo ex.º sr. conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, presidente da camara, foi declarado que a convite da mesma commissão promotora da homenagem ao almirante Barroso e na presença de grande concurso de povo, procedera com a solemndade do estylo á inauguração da referida lapide, que estava coberta pelas bandeiras brasileira e portugueza.

Para constar se lavrou o presente auto, que vae assignado pelo presidente da camara municipal de Lisboa, vereadores e por todas as pessoas presentes.

Questões agricolas

A politica e a iniciativa particular no movimento associativo rural

Em França quasi se deve unicamente á iniciativa particular o movimento associativo rural. Maior civilização, maior comprehensão dos deveres civicos, maior vontade de trabalhar... Na Belgica contribuiu tambem essa iniciativa, e poderosamente, para o desenvolvimento das associações, verdade seja, que sob o estimulo de razões politicas.

Os socialistas e os catholicos formam n'este paiz dois campos politicos absolutamente irreconciliaveis, mas digladiam-se na arena rural a golpes de boas obras, fundando, ora uns ora, outros instituições cooperativas e mutualistas que redundam sempre em beneficio do povo, do mais desherdado, do que mais precisa de amparo, de ensino, de exemplo: beneficio que não é beneficencia, auxilio que não é esmola, serviço que não é caridade.

Assim educam-se homens, não se criam mendigos; levanta-se

a agricultura; prende-se o trabalhador á terra, a lavoura produz mais, rende mais...

Esta politica tomáramo-la nós em Portugal!... E' politica social e economica, é a moderna orientação dos espiritos mais perfectos, substituindo racionalmente as antigas, complicadas e romanticas theorias de governo e de partidos doutrinaarios.

E' a applicação de bella formula de Waldeck Rousseau: «faire à la politique une plus large part d'humanité».

Ea comprehendo, que, no pendôr seguido pelos partidos tradicionais portuguezes, por aquelles que veem do tempo da conquista da Liberdade e que difficilmente poderão sair do trilho doutrinario e demagogico, eu comprehendo que esses partidos não se orientem ainda pela bussola das modernas idéas sociaes, fortes como estão do seu poder, consciuos como os julgo de que fóra dos seus programmas moldados em velhas formas está apenas a Revolução e a Anarchia.

O que porém não percebo é a passividade dos grupos que aspiram a ser partidos em face d'estes problemas economicos e sociaes. Silencio completo a tal respeito nos seus programmas ou no seu proceder, inacção absoluta sobre tal assumpto na sua propaganda... E, contudo, querendo conquistar a opinião publica não é com promessas theoricas e vagas que o conseguem. De vagas e theoricas promessas dos grandes partidos estão cheios os ouvidos do publico. Querem-se factos, quer-se acção, querem-se obras, quer-se a estatística a demonstrar os beneficios das suas idéas postas em pratica.

Na Belgica, o partido catholico, em dez annos, tem provocado uma extraordinaria, uma bemfazeja, uma nobilissima e bella floreação d'instituições de interesse agricola. Confessam-n'o os proprios socialistas, que por seu lado se esforçam por alcançal-o seguindo o mesmo brilhante caminho.



Almirante Barroso
A charanga do «Benjamin Constant»

Em 1892, havia uma Caixa Raiffeisen em toda a Belgica, em 1901 ha 296.

Em 1890, existiam tres sociedades de soccorro mutuo contra a mortandade do gado, em 1900 encontrámos 548.

Em 1893, havia apenas 153 apolices nas sociedades mutuas de seguro contra o incendio, em 1901 acham-se 8.006, representativas d'um valor superior a 8 mil contos de réis.

E assim, a mesma proporção colossal em todos os ramos associativos, tendo sempre as obras do partido catholico uma maioria consideravel.

E nós temos tambem um grupo catholico que deseja formar partido, as suas forças accumulam-se na zona de pequena propriedade, isto é, no sitio mais proprio para a eclosão do movimento associativo. Pois bem, que tem feito? Nada. Publicou-se um folheto optimamente escripto, prefaciado por um dos chefes do grupo, ácerca de credito agricola.

E' bom mas é pouco, pouquissimo para um agrupamento que já tem tres annos de existencia.

O partido republicano soffre pela origem do mesmo vicio dos grandes partidos monarchicos. Excesso de doutrinarismo, excesso de theorias e talvez reminiscencias arrevesadas do pensar da revolução franceza sobre associações e corporações de officios. De resto é um partido cidadão sem raizes no campo e sem interesse pelas questões rurais.

Outro grupo com aspirações, saído d'um dos grandes partidos actuaes, tem a pécha originaria. Nada podemos agourar d'elle no sentido de impulsionar o movimento associativo nos campos portuguezes, tanto mais que no seu programma a agricultura é tratada tão de resto e com tão vagas idéas que logo se vê a pequena importancia e a nulla dedicação que lhe são consagradas pelo grupo mencionado.

De modo que da politica, n'esta questão, por emquanto, pouco se deve esperar de bom. O que succedeu na Belgica não acontecerá aqui. Apenas constatamos factos ruins: syndicatos agricolas, occupando-se de politiqueria, enchendo os seus boletins de diatribes contra tudo quanto faz um governo que não é de sua feição politica, excluindo dos seus corpos gerentes individuos de valor que não commungam no mesmo credo partidario.

Isto é que é ainda, infelizmente, bem portuguez! Não é a politica a importar-se com as nossas associações: somos nós a darmos cabo d'ellas por causa da chamada politica!

Para quem appellar então?

Para a iniciativa individual dos homens illustrados e sabedores dos seus deveres cívicos, que habitam sempre uma parte do anno em campos e aldeias portuguezas.

Taes homens, arrastando atraz de si os parochos e os professores primarios, muito podem fazer de bom.

Graças a Deus, poderia citar alguns nomes de lavradores que em varios pontos do paiz tem comprehendido o seu dever.

Não mencionarei nenhum receando ser injusto para com algum que omitta. Direi tão sómente que n'esse grupo de homens bons e prestaveis e talentosos ha um que vive sempre no seu dominio agricola primorosamente administrado, que tem sido fundador d'uma Liga reunindo em si a trilogia santa do cooperativismo, d'um syndicato agricola, d'uma união de venda e d'uma sociedade de seguro mutuo de gado. Esse trabalhador tão bellamente orientado na sua intelligente actividade ainda teve tempo de escrever um brilhante livro de propaganda associativa rural, livro que me tem sido dado o prazer de ler em provas typographicas e que a Real Associação Central de Agricultura Portugueza edita com o fim de lhe dar a maior diffusão possivel.

O auctor d'essa obra multipla é um benemerito, cujo exemplo devia ser seguido. Não me pude furtar ao desejo de aqui o apontar.

Ainda é no triumvirato constituido pelo senhor fidalgo ou burguez, mas illustrado em qualquer dos casos, pelo parcho e pelo professor primario, que o homem do campo deposita, geralmente, maior confiança. E' esse o trio que temos o direito de chamar á actividade associativa.

Os padres e os professores.

São homens que pela sua especial posição nos campos mais contactam com a população, e por isso, melhor do que ninguém, podem realizar uma propaganda benefica chamando-a ao syndicato, á cooperativa, ao mutualismo.



Almirante Barroso — A lapide descoberta

Por outro lado, sendo elementos mais illustrados, e a quem sobeja mais tempo geralmente do que ao lavrador para se occuparem dos negocios sociaes de taes empreendimentos, poderão e deverão desempenhar papeis predominantes na gerencia da associação, o que está em perfeita harmonia com os seus misteres de conductores, directores d'almas e de espiritos, pois que a missão associativa é toda de paz, de educação, de amparo e de auxilio mutuo.

Quasi todas as caixas ecodomicas rurais italianas, quasi todos os syndicatos dos campos belgas, quasi todas as caixas Raiffeisen de Alsacia-Lorena são geridas pelos parochos das freguezias com

uma dedicação e um desinteresse pessoal, que se coaduna bem com a sua piedosa obrigação na terra.

Poder-se-ia citar milhares de exemplos de professores primários francezes devotando-se à propaganda de melhoramentos agrícolas, servindo zelosamente os fins dos syndicatos.

E com jubilo posso acrescentar que também ha exemplos nacionais. Os professores primários de Varzea de Goes, de Mamodeiro, de Ilhavo, de Oliveira, de Paranhos, de Arganil, de Chaves, de Estremoz e d'outras freguezias de cujo nome não me recordo n'este momento, teem fundado caixas economicas escolares entre os seus discipulos, educando-os assim para quando forem homens, formarem o pessoal activo das instituições mutualistas de agricultores.

São muitos os serviços que ha a esperar dos senhores parochos e professores primarios, mas não é justo que se lhes extija, ainda por mais, joias e quotas. Se quizessem cooperar n'esta obra de progresso e de bem não chegará o decuplo do dinheiro, que as associações agricolas teem em caixa para lhes pagar os serviços.

E insisto n'esta missão do padre, eu que sou apenas catholico como toda a gente em Portugal e nada mais, porque estou convencido do grande bem que d'ahi proviria para a agricultura. Se repiso este assumpto por amor á agricultura, não é por amor ao clero, que eu, comtudo, muito respeito.

Estou vendo nos congressos agricolas internacionais a figura magra e ossuda do abbade Muller o propagandista abençoado da forma associativa de Raiffeisen na Alsacia e na Lorena, envolto na sotaia escura, expondo laconica mas clarissimamente os beneficios enormes, a transformação colossal que a sua obra trouxe áquellas provincias da Allemanha!

Ah! que se o nosso clero tivesse a instrucção e a educação d'este padre e de muitos outros padres e frades de variadissimas ordens, que encontrei seguindo attentas as discussões e escutadas com a attenção que mereciam o seu saber, os seus serviços á causa social; se assim fosse, como seria facil agora a campanha associativa em os nossos campos com as populações de intelligencia já desbravada por esses apostolos, que mais em contacto estão com elles!

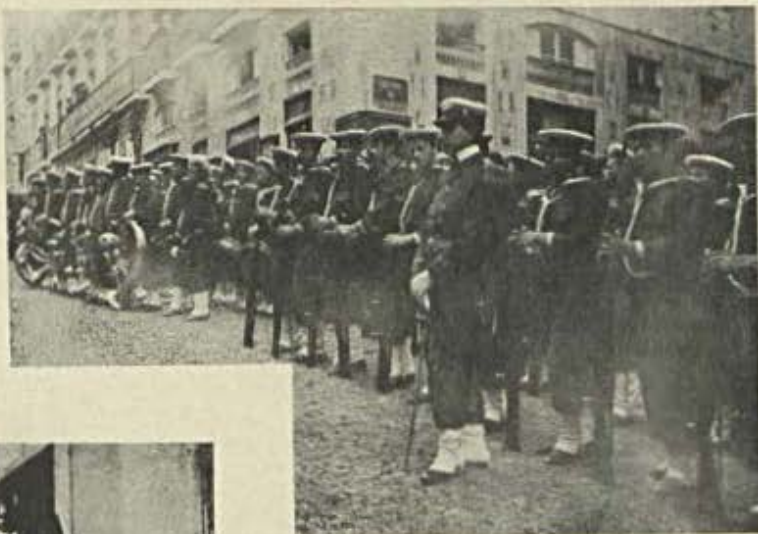
Resumindo: é evidente que entre nós não se pôde, por enquanto, contar com a iniciativa politica e que a particular é pouca para impulsionar o movimento associativo rural. Em todo o caso só para esta ultima se pôde appellar e sobretudo para a do senhor,

mente desfilaram em homenagem entusiastica e significativa pela frente do grande poeta norueguez. E no entretanto o aclamado de hoje é ou antes foi o adversario mais irreconciliavel da Suecia e do seu rei, e o mais incansavel propagandista da separação dos dois reinos escandinavos, e por consequencia da independencia absoluta da Noruega e da ruptura da união pessoal, que hoje mantem ligados ambos os paizes pela mesma casa reinante.

Mais ainda. Não só o grande escriptor republicano é assim recebido na capital sueca, mas tambem, pagando gentileza com gentileza, acaba de converter-se de partidario do rompimento «a todo o custo e de qualquer maneira» em defensor d'essa união, a que a sua lyra insubmissa vibrou tão rudes golpes. E não vae ainda longe o tempo, em que o fogoso tribuno escrevia o cruel drama «O rei», a satira mais sangrenta que jámais feriu uma testa coroada, e em que com um quichotismo quasi a frisar o ridiculo desafiou o proprio Oscar II a combate singular, o que lhe custou, diga-se de passagem, um bem merecido desterro.

Quantum mutatis ab illo...

Significa, porém, a conversão de Björnson uma d'essas apostasias vergonhosas, de que a historia nos fornece tantos exemplos, que não raro e por inexplicavel cegueira teem posto tão triste remate a mais de uma gloriosa carreira? De modo nenhum. A reconsideração de Björnson, em vez de obedecer a qualquer sentimento de baixo interesse, ou de ser o resultado de lamentavel debilidade de caracter, significa, pelo contrario, um acto de alevantado patriotismo e de intel-



Almirante Barroso

A guarda de honra — uma força do «Benjamin Constant»

ligente providencia politica, a que a opinião esclarecida do norte escandinavo presta n'este momento a devida homenagem.

Emquanto o antagonismo entre a Suecia e a Noruega prometia vir a ter apenas consequencias de ordem interna, não apparecia a solução da contenda, qualquer que ella fosse, muito perigosa para o futuro das nações escandinavas. Unidas, como no tempo da União de Calmar, ou absolutamente separadas, como o sonhavam os exaltados patriotas da extrema esquerda em Christiania com Björnsterne Björnson á frente, o resultado seria pouco mais ou menos igual em ambos os casos. A mesma origem, quasi que uma mesma lingua, uma cultura adiantadissima e pôde dizer-se absolutamente identica em todos os seus ramos, um poder militar sensivelmente equilibrado, faziam que reunidas ou separadas as duas nações nordicas e a Dinamarca formassem de facto

uma familia unica, quaesquer que fossem as dissensões que no intimo as dividissem.

Quando, porém, no horizonte da politica escandinava começou a projectar-se a sombra ameaçadora da Russia, prompta a aproveitar-se das discordias sueco-norueguesas para o consequimento dos seus fins, principiaram os verdadeiros patriotas a sobresaltar-se com o caminho que as relações entre os dois reinos irmãos iam levando, e não faltaram avisos prudentes para que a lucta cessasse pelas consequencias desastrosas que d'ella poderiam resultar para os dois paizes. Mostrou-se a mão occulta do gabinete de S. Petersburgo a acirrar a inimidade entre suecos e noruegueses, afim de conseguir depois arrancar á debilidade d'estes ultimos o cubiculo porto livre no Atlantico, que a Russia julga indispensavel para se pôr em communicação com o mundo e tornar-se verdadeiramente uma potencia maritima. De principio foram estas admoestações e a revelação de semelhante proposito por parte do governo moscovita recebidas com scepticismo em Christiania, chegando-se a considerá-las como habilidoso expediente da Suecia para enfraquecer a opposição dos noruegueses.



Almirante Barroso — A concorrência. As janellas do jornal «Novidades»

fidalgo ou burguez illustrado, do parochos e do professor primario, incitados estes ultimos pelos seus superiores hierarchicos.

D. LUIZ DE CASTRO.

Politica internacional

DEU-SE ultimamente no norte escandinavo um facto, que, embora de caracter particular, é comtudo signal eloquente dos tempos que vão correndo. Referimo-nos á estada de Björnsterne Björnson em Stockholmo e ás manifestações de amizade e sympathia de que foi alvo por parte de toda a população, desde o rei Oscar e a rainha até aos estudantes das escolas, que triumphal-

Björnson sobretudo protestou altamente contra a accusação de estar fazendo o jogo do estrangeiro e de servir de instrumento inconsciente ás ambições do czar. Pelo seu lado a Russia esforçou-se por desmentir officiosamente pela attitudo da sua imprensa as intenções que lhe attribuiam, negando qualquer ingerencia directa ou indirecta nos negocios da península escandinava.

Passa-se, porém, algum tempo, e principia a nova politica da Russia na Finlândia, terra escandinava não só no ponto de vista geographico, mas ainda no ponto de vista da sua civilização e dos ele-



Nicolau — O Czar da Russia

mentos que lhe constituem a cultura, exclusivamente sueca. Foi então que a extrema esquerda norueguesa e o seu chefe Björnson abriram os olhos.

A politica de violenta russificação, que o governo de S. Petersburgo, por intermedio do seu pro consul o general Bobrikov — está seguindo na Finlândia, constitue um aviso eloquente para as nações escandinavas. E' ao mesmo tempo perigo serio, que cria para ellas uma situação sobremaneira melindrosa. Até agora, entre as pequenas nações nordicas e o colosso moscovita, interpunha-se o grão-ducado autonomo da Finlândia, o qual com a sua ligação politica á Russia mas com a sua cultura sueca era o laço de união entre a Europa escandinava e a Europa russa, mantendo ao mesmo tempo separados e portanto alheios a todas as complicações de vizinhança os dois mundos. Com a destruição da autonomia finlandeza a amigavel zona neutra entre sueco-noruegueses e russos desapareceu, deixando em presença e em contacto duas nações fracas e desprotegidas, a não ser pelo patriotismo dos seus filhos valorosos, com a primeira potencia militar do mundo, que é ao mesmo tempo o imperio mais gigantesco que jámais viu a historia. Este perigo, já de si bem ameaçador para suscitar fundas inquietações em Stockholmo e em Christiania, ainda se torna mais imminente pelos conflictos a que pôde dar lugar a sympathia dos suecos pelos seus irmãos do outro lado do golfo de Bothnia. E' evidentemente uma nova era que começa para as pacificas nações escandinavas — era de sobresaltos e de preparativos para se fazer face ás eventualidades que se desenham no horizonte. A reforma recente da organização militar sueca obedece a esta preocupação. A approximação inesperada da Suecia e da Noruega, de que é eloquente symptoma a maneira amigavel como a questão dos consulados está sendo tratada entre os dois governos do rei Oscar, é ainda uma consequencia dos successos que na Finlândia se estão dando.

Com a mesma franqueza, com que ha annos combatia a união, está hoje Björnson trabalhando pela confraternidade dos dois povos, que só na intimidade mais estreita pôdem encontrar forças para fazer face ao futuro, que os ameaça. Por isso e como novo signal d'esta approximação entre as duas nações irmãs, tem manifesta importancia a visita triumphal que o grande poeta norueguês acaba de fazer a Stockholmo.

O que ha muito se esperava está em vespas de se realizar, se é que a estas horas já se não realizou. O Japão acaba de interromper as negociações diplomaticas com a Russia, e portanto o rompimento das hostilidades é questão provavelmente que se não demorará. (1) Mostra a imprensa franceza uma ligeira esperança de que a diplomacia da republica actuando com um derradeiro esforço em S. Petersburgo possa ainda evitar a guerra. Mas no estado a que chegaram as relações entre os dois imperios, esta esperança é bem tenue. O que por ora não está bem explicado é o que levou o Japão a precipitar os acontecimentos, pondo violentamente ponto nas negociações. Que a Russia estava procurando ganhar tempo para melhor se preparar, não soffre duvida. Mas como é que o governo de Tokio, que até agora esperou tão pacientemente, se decidiu á ultima hora a semelhante precipitação, quando a nota da Russia já vinha a caminho, segundo mesmo alguns telegrammas já estava em poder do ministro russo junto do Mikado? Duas hypotheses pôdem explicar o procedimento dos ministros japonezes. Ou elles tiveram, como se affirma, conhecimento officioso do conteúdo da nota antes de ella ser officialmente entregue, e, não se contentando com a resposta da Russia, resolveram desde logo romper as negociações, ganhando assim alguns dias, o que para a situação militar do Japão tem muitissimo valor n'este momento; ou segundo tambem se diz, tiveram em Tokio noticia de que a Russia estava aproveitando o tempo em que as negociações por parte d'ella tanto se arrastavam, para a toda a pressa enviar reforços para a Mandchuria, tendo o acto do gabinete japonês por objecto evitar com a possivel urgencia semelhante perigo, que podia para elle pôr em risco todos os resultados da guerra. Seja, porém, como fór e a verdade ha-de vir a saber-se dentro em pouco, sobre o que não pôde restar duvida é que a guerra russo japoneza é um facto a estas horas. Que consequencias vae ella ter?

E antes de mais nada, produzirá o actual conflicto entre a Russia e o Japão uma guerra geral das potencias, dadas as alianças de cada um dos contendores? Esta hypothese, decerto a mais inquietadora, parece felizmente arredada. A linguagem da imprensa franceza, inglesa e italiana, é bem explicita a tal respeito. Ao menos e já que a diplomacia não conseguiu evitar a catastrophe, que esta se localise e se reduza tanto quanto possivel a um minimo de consequencias desastrosas.

Mas que resultados vae ter a guerra, que começa? Isso depende do lado para que se inclinar a victoria, muito embora em qualquer dos casos elles devam ser importantissimos. Se o Japão vence, são incalculaveis as consequencias que semelhante victoria ha-de ter, primeiramente na Russia e depois na Asia. Para a Russia o ser vencida representa a renuncia á hegemonia da Asia, a qual passará incontestavelmente para o Japão e para a Inglaterra. Além d'isso a derrota dos seus exercitos, tendo como corollario o abatimento do seu prestigio, vae dar alento a todos os descontentes dentro do imperio, não sendo muito inverosimil prever qualquer movimento revolucionario. Finlandezes, polacos, ruthénos, judeus, sem contar com o partido social-democrata, que nos ultimos tempos tanto tem alastrado, esperarão o primeiro desastre serio das armas imperiaes, para realisarem as suas aspirações. No caso de descalabro total, é evidente que nada os poderá conter.

Se pelo contrario é a Russia quem vence, as consequencias da sua victoria não serão menos importantes. Em primeiro logar o Japão perderá a sua situação de grande potencia, ficando politica e militarmente esmagado, e arruinado economicamente. Depois, o triumpho da Russia representará ainda de forma definitiva a absorpção da China por esta potencia, a annexação da Persia em futuro não muito remoto, a implantação da influencia moscovita no Thibet, e finalmente a ameaça ou mesmo a aggressão ao imperio anglo-indiano, para nos referirmos apenas á Asia.

Qualquer das duas soluções da lucta agora empenhada está erigida de perigos, porque qualquer d'ellas significará profunda transformação no *status quo* do mundo. Pôde bem dizer-se que nos achamos n'um d'esses solemnes momentos historicos, em que n'um campo de batalha se joga, pelo menos por muito tempo, a sorte da humanidade...

CONSIGLIERI PEDROSO.



Feld marechal visconde Taishō Katsuro,
1.º ministro no Japão

(1) No momento de rever estas provas está a guerra declarada, tendo-se já dado a primeira batalha naval.

A sir John Moor

(No anniversario da sua gloriosa morte succedida aos 16 de janeiro de 1809)

Em 6 de outubro de 1808 regressava a Inglaterra Sir Arthur Wellesley, o futuro Lord Wellington, Duque de Vitoria e l'principe de Waterloo. Haviam-o inclinado a sair de Portugal desaccordos com os generaes Dalrymple e Burrard, um altivo de mais, talvez, o outro de mais prudente. O commando em chefe do exer. ito luso-britannico recahi então em Sir John Moor. Achava este galhardo general só dubio esteio nas auctoridades da sua patria. Encorajava-lhe muita vez a acção a desassaisada interferencia de Mr. Frere, ministro d'Inglaterra no quartel general do governo provisorio.

Esta situação tinha perigos. Não tardou Sir John em lhe sentir as penetrantes puas.

Em novembro de 1808 tendo firmado a sua almejada alliança

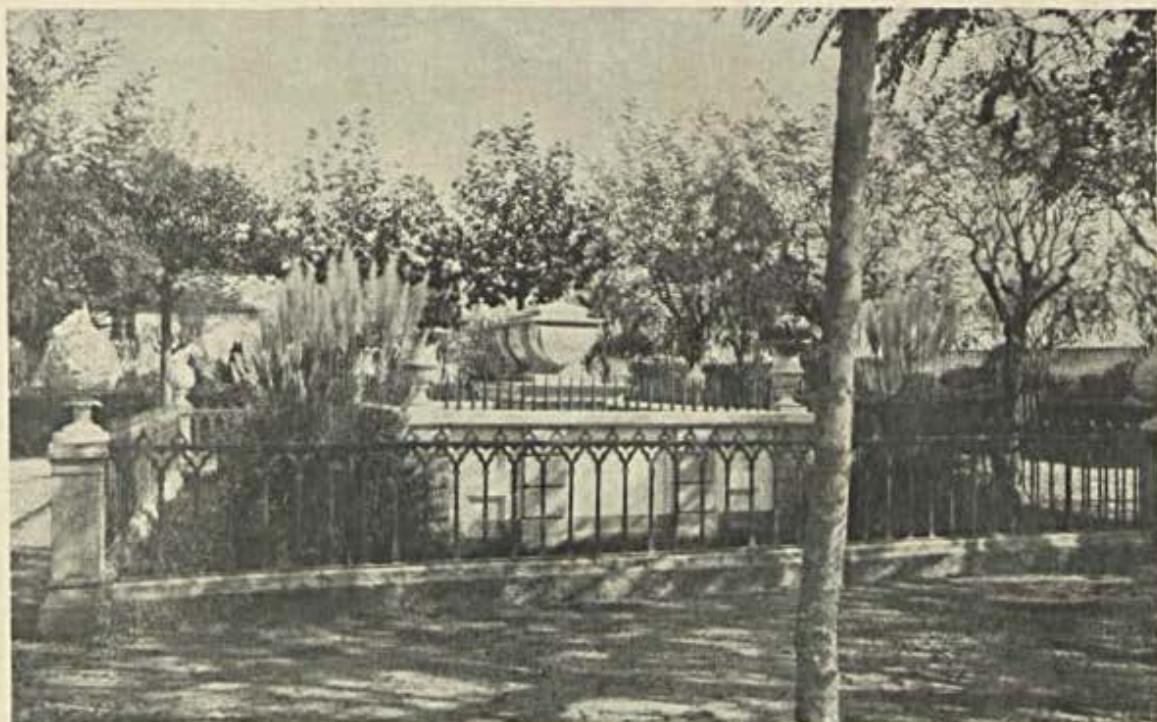
Poucos annos depois, em 1817, um moço irlandez, de nome Charles Wolfe, escrevia uma pequena ode sobre a morte e enterro de Sir John n'este inolvidavel 16 de Janeiro. A ella apesar de sua brevidade deve merecido renome de poeta.

Lêra a relação do successo a um tempo glorioso e triste, escripta por Southey e publicada no *Edinburgh Annual Register*. Inclina-ra-o amargamente, n'esse mesmo anno, a tomar ordens sacras — era catholico o poeta — um desgosto de amor, que presinto na prematura morte da pobre Mary, a cuja memoria amada e doce consagrou saudoso commoventes versos, que choram na memoria dos que os leram.

Só annos depois se divulgou que o autor da encantadora obri-nha, a cujas estrophes perfectas na sua sobriedade artistica imprimiu cunho de tão profunda, nobre e santa melancolia a proximidade de magua irreparavel, era um pobre cura, o cura da pequena parochia de Ballyclog, no condado de Tyrone, e que esse obscuro sacerdote, dedicado aos seus até a morte, era poeta e que poeta! sincero, vivo, profundo! Só annos depois isto se soube; só depois da sua morte, em 1823.

Elogiara então Byron os admiraveis versos do pobre Wolfe, que haviam ao tempo percorrido já a Via Triumphal da Grã Bretanha inteira. Dos elogios do grande Bardo brotara larga discussão e d'esta, apurado o nome do poeta illustre e extinto, do morto e santo cura de Ballyclog.

Traduzida por mim com o carinho que se deve ás obras primas



Tumulo de sir John Moor

com a Russia e obtido do Tsar, propenso ao grande corso, o reconhecimento do pouco genial José Bonaparte como rei d'Hispanha, partiu Napoleão a assumir o commando dos seus exercitos na Peninsula. Bateu logo e sem grande custo os recrutas que a desgraçada condição da Hispanha só logrou oppor ás suas hostes feitas ás armas e á victoria. Em 4 de dezembro estava em Madrid.

Chega-lhe ahi de subito a noticia da atrevida marcha de Sir John no norte da Hispanha. Reune com a sua habitual presteza e energia forças numerosas. Quer cortado o exercito do valente inglez do Tejo e dos portos da Galliza.

Moor não tomara de boa vontade esta offensiva. Não pudera porém resistir ás supplicas instantes da Junta e de Mr. Frere. Alentava-o todavia a confiança na cooperação das tropas e na boa vontade das autoridades civis da Hispanha. Mas nem umas nem outras prestavam então sempre para muito. Supplicas e instancias tinham chegado; reforços e subsídios, não.

Viu-se pois forçado a retirar. Eram as forças de Soult em tudo superiores. As difficuldades da operação, porém, grandissimas. Levou a todavia a cabo com maestria. A 13 de janeiro de 1809 chegou á Corunha. Ainda porém ahi não chegara, nem chegou então, a esquadra que o devia salvar do lanceo duro.

Entretanto o exercito de Soult avançava rapido. Dispoz Moor os seus fatigadissimos soldados pelas imminencias em torno da cidade e esperou o imperterrito.

A 16 de janeiro rechassava por varias vezes com grande denodo as tropas inimigas; mas morria em batalha a morte dos heroes com o consolo talvez de saber que não fôra vão seu glorioso sacrificio: a 16 embarcavam os seus camaradas de perigo e gloria. Elle ficava sepulto na terra estrangeira que banhara de seu sangue. Sepulto; mas não esquecido.

do espirito e ainda mais á do coração humano, essa ode já agora immortal, é em portuguez assim:

No enterro de Sir John Moor

Nenhum rufar se ouviu, nenhum tocar piangente ao levarmol-o em pressa á funeral jazida.
No tumulo onde o heroe depomos tristemente,
nem um tiro lhe disse o adeus de despedida.

Depomol-o de noute, em morta soledade,
no torrão do lidar de nossas mãos aberto;
á, em lucta com a neblina, incerta claridade
da lua, e dz lanterna ao bruxulear incerto.

Escusado caixão não lhe resguarda o peito;
nem mortalha ou lençol o envolve; adormecido,
descansa, como o heroe descansa no seu leito,
nas dobras do capote apenas involvi-lo.

Foi curta nossa prece, á qual nem vivo brado
de angustia acompanhou, nem lugubre lamento:
fitámos longo o olhar no rosto do finado,
no dia de amanhã o amargo pensamento.

Pensámos, ao fazer-lhe o leito derradeiro,
e liso o cabecal á fronte inerte embora:
pisarão amanhã por certo do estrangeiro
os pés sobre elle a terra — e nós de mar em fóra!

Não pouparão do extinto, em desdenhoso entono,
as cinzas frias já, nem vilita, nem censura.
Que monta! se lograr dormir seu longo somno
na gleba em que um Bretão lhe abriu a sepultura!

Inda incompleto pende o empenho e todavia
o instante de o deixar impreterível soa:
do inimigo distante a rouca artilheria,
disperta d'improviso, inutilmente troa.

Mudos, tristes, na cova apenas preparada
pomos o ensanguentado heroe; mas, por memoria,
nem lapide, nem letra em lapide gravada,
deixámo-l o ficar sósinho na sua gloria!

Mas Soult teve um generoso impulso do coração. Não admira:
era bravo e bom. Levantou um monumento ao heroe que morreu
vencendo-o. Substituiu-se nobremente aos camaradas do campeão
prostrado. E o heroe ficou assim na sua gloria; mas não já sósinho.

Não deve ser o de Soult o monumento que hoje recorda o glorioso fim de Moor, e que neste lugar se reproduz. É bello e grande demais para isso. A belleza e grandeza do de Soult devia estar sómente no elevado sentir que o erigiu. Outra mão por certo de mais recursos e vagar encimou a obra generosa e boa do Marechal francez.

Por natural contraste me recorde agora que, poucos mezes depois deixava, se não fazia morrer, n'uma masmorra negra e gelida, outro marechal francez, o pobre Alvares, o valentissimo hespanhol, cujo heroico esforço na defeza de Gerona se vira constringido a conceder o marechal, humilhado e por isso talvez assim cruel, honrosa capitulação. Que differença! Quer me porem parecer que, na mesma guerra e na mesma Hespanha, foi Soult, bem mais do que Augereau, o representante do antigo coração e espirito francez.

16 de Janeiro de 1904.

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO



A NOSSA VISITA AO COLLEGIO DE CAMPOLIDE

SEM uma visita demorada como aquella que acabamos de fazer ao Collegio de Campolide, será impossivel formar uma ideia perfeita do desenvolvimento a que chegou esse estabelecimento de instrucção preparatoria e de educação religiosa e moral. Já o disseram antes de nós centenaes de pessoas, é certo, e nomeadamente aquellas que ainda ha bem poucos dias, a convite do director do collegio, foram recordar com saudade os primeiros annos da vida passados n'aquella casa, os dias felizes da primeira mocidade, em que a existencia não pesa ainda sobre nós com as suas sombras, com as suas desillusões e com as suas amarguras.

N'uma festa effusiva e intima personalidades, em evidencia nas mais altas classes sociaes, foram dar testemunho pessoal, em palavras e enthusiasmos que não occultavam a sinceridade, das excellencias e primores da educação no Collegio de Campolide.

E de tal forma ellas são e em resultados elles por tal modo se manifestam, que até os mais fervorosos caudilhos da guerra religiosa teem, perante o exemplo d'essa casa modelo, reconhecido a inefficacia dos seus planos de combate, a inutilidade dos seus esforços.

Avoluma-se de anno para anno a população academica do collegio, os rapazes saem de lá solidamente preparados, as familias dizem

às familias o proveito que do estudo lá ministrado tem advindo a seus filhos, a propaganda, de todas, a mais proficua, assim se vae fazendo por esta forma suave e util, e, caso raro e extranho, são os homens mais liberaes do paiz, os que nos seus actos publicos mais e melhor teem apostolisado todos os principios de liberdade, aquelles mesmos



Padre Luiz Gonzaga de F. C. Pereira Cabral
Director do Collegio de Campolide

que preferem, para seus filhos ás mais avançadas casas de ensino, aquella em que a educação só por padres catholicos é ministrada.

E de que não precisa demonstrada esta asserção adquire a certeza quem, armado de imparcialidade, se disponha a ver com olhos justos e critério seguro o caminho percorrido e o progresso conquistado pelo Collegio de Campolide.

Entra-se no vasto edificio e desde logo tudo respira asseio, confiança, distracção para os olhos, e ao mesmo tempo cultivo e recreio para o espirito. Nenhuma das condições hygienicas, que os modernos preceitos de educação exigem, lhe falta. Aulas arejadas, espaçosas, dispostas por forma tal, que o professor, com um só golpe de vista, domina todos os alumnos. Corredores amplos, escadarias elegantes, dormitórios espaçosos, ventilados, agradaveis, e nos jardins, largos espaços, batidos de luz, onde para os rapazitos correm felizes as horas de recreio, applicadas aos exercicios de gymnastica, de pedestrianismo, de jogos infantis, que desenvolvem os musculos e enrijam o corpo. As casas de banho, n'uma profusão que corresponde á vasta população do collegio, são no genero um modelo, que não encontra competencia em Lisboa. Mas estes elementos materiaes de nada valeriam se parallelamente com todos elles não corresse uma alegria sã, despreocupada, que se lê na physionomia dos rapazes e se traduz no riso e nos gestos de que elles são prodigos — como a idade manda.

Uma coisa digna de observação e de registo é a quasi familiaridade, que não exclue a disciplina nem elimina o respeito, que logo se nota entre elles e os professores que os dirigem e educam. Nada dos rigores contraproducentes, que á primeira vista a batina suggere, nada de demasias religiosas, que predisporiam mal o espirito infantil, e em



Fachada do edificio em Campolide de Cima — Lisboa

vez de tudo isso, um sorriso de bem estar, da relativa felicidade que assoma à fôr dos lábios dos rapazes e vai entrar como elemento essencial no aproveitamento de todos elles.

Se, ao descrever as impressões que trouxemos do Collegio de Campolide, quizessemos alongar-nos n'esta columna do *Brasil-Portugal*, bastaria para fornecer-nos materia sobeja a visita ao museu do collegio, tão rico e abundante em mineralogia, em exemplares do mundo zoologico, em exposição de numismatica, emapparelhos de physica e de electricidade, em productos coloniaes, em manufacturas gentlicas, que a esse museu variado e precioso, repasto para os olhos, e campo de cultura para o espirito, poderão ter inveja os museus mais adeantados de escolas superiores em qualquer paiz.

E, porém, o nosso fim unico dar da visita ao Collegio de Campolide uma impressão que sendo rapida, não deixe de ser duradoura, e essa seria incompleta se deixasse de frisar a parte que tem tomado na benefica influencia d'aquella casa e no progresso que ella tem attingido, aquelle que está hoje a dirigir-a, o padre Balthazar Cabral, a cuja fama de grande orador sagrado, justo é que se junte a de profundo organisador, e a de educador emerito, no que esta palavra tem de mais pratico, de mais respeitavel, de mais altruista.

Tão habituados estamos a recusar louvores quando nol-os solicitam que, até no momento em que a descreença faz a sua crise, nos orgulhamos de vir espontaneamente proclamar verdades, na certeza de que quaesquer vituperios seriam por muita gente recebidos de melhor grado.

O collegio

Algumas palavras sobre a fundação do Collegio de Campolide.

Foi seu fundador o celebre padre Carlos João Rademaker, em 1852 ou 1853.

Esse famoso missionario de ascendencia hollandeza, por seu avô,

nasceu em Lisboa em 1828, no antigo palacio do correio geral, aos Paulistas. Era filho do conselheiro José Basilio Rademaker, que foi nosso ministro plenipotenciario em Italia. Recebeu a ordenação de presbytero em 51, começando desde logo a sua fama de orador sagrado.

O collegio só definitivamente se installou em Campolide em junho de 58, na Quinta da Torre que pertenceu ao poeta João de Lemos. A parte primitiva tem pouco a pouco desaparecido, e os melhoramentos succedem-se de anno para anno. Desde 1858 tem-se operado grandes transformações. O edificio impõe-se pela grandeza, asseio, condições hygienicas, processo de ensino moderno, admiravelmente orientado.

Muitos nomes conhecidos figuram entre os d'essa grande legião de traquinas que se fizeram homens em Campolide. Basta citar: o padre José Maria Nunes da Silva, que morreu em Macau, em 94 — o fundador das officinas de S. José do Porto — Mousinho de Albuquerque — Ayres de Ornellas — J. Teixeira de Barros — conde da Ponte — D. Carlos Mascarenhas — Sousa Monteiro — Greenfield de Mello — D. João da Camara — Silva Pinto — Augusto, arcebispo de Evora — Marquez do Fayal — Lara Everard — Marquez do Lavradio — visconde de S. Sebastião — padre Aranha, missionario na Zambesia, Manuel Bruschy, etc.

Notas curiosas:

As 3 primeiras peças de theatro de D. João da Camara, foram expressamente escriptas para o Collegio de Campolide. Eram ellas *Nobrezas*, *Um apuro faz um medico* e *Bernarda no Olympto*, e foram ali representadas com applauso enorme.

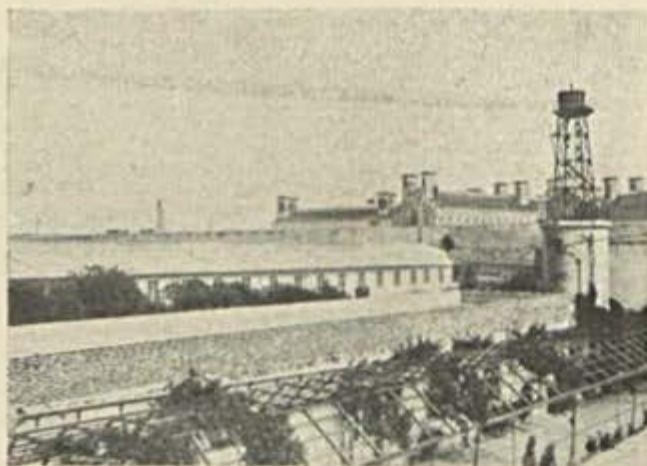
No mesmo collegio representou-se em 1870, uma comedia em 1 acto, original de Sarsfield de Mello, alumno então: intitulava-se *Tres Petições* e foi ouvida entre gargalhadas.

Muitos d'estes e outros antigos alumnos assistiram á enternecedora festa do meio centenario do collegio em 8 de dezembro, confraternizando, moços e velhos, n'esse jantar que lhes recordou tempos idos. Reproduzimos um grupo dos alumnos reunidos no dia da festa.



Grupo dos antigos alumnos do Collegio de Campolide

Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves, dr. Abilio Moreira Aranha, Adolpho J. Sarmiento de Figueiredo, Affonso Santiago de Sousa Botelho, dr. Agostinho G. Godinho Tavares, Alberto Sousa de Mello Abreu, Alexandre A. do Amaral Pyrraite, P. Alexandre Continho Castello, Alfredo Luiz da Silva, Alfredo Martins da Silva Azevedo, Alfredo d'Oliveira Bello, Alvaro Gil Fortes Rebello, Annibal Ray de Brito e Cunha, Antonio Braga Continho Medeiros, Antonio Carlos da Cruz, Antonio Continho Castello, A. Homem Machado, Antonio J. Fernandes Pontes, Antonio V. Flores, Antonio Lobo de Vasconcellos, Antonio d'Oliveira Bello, Antonio M. de Sampaio Mello e Castro, Antonio Papança Fernandes, Antonio Pessoa de Barros Gomes, Antonio R. de Mattos e Goes Campos, Arnaldo Gil Fortes Rebello, Arthur Augusto Teixeira Barbosa, Ascenso Ignacio de Sequeira, Augusto Guilherme Nunes, Augusto Vasconcellos Gonçalves, P. Avelino de Miranda, Ayres d'Ornellas e Vasconcellos, dr. Benjamin de Sousa Teixeira, dr. Bernardo M. A. Furtado de Mendonça, C. Alberto Machado Ferreira, D. Miguel Vaz de Almeida, Paulo de Moraes Palmeiro, Pedro Lopes da Cunha Pessoa, Roberto Duff, Rodrigo Limpo de Lacerda (Altas Moras), Rodrigo Limpo de Lacerda Ravasco, Marquez do Fayal, Ruy Vaz de Siqueira, padre Sebastião de Vasconcellos, Vasco Martins de Siqueira, Vasco de Sousa Calvet de Magalhães, Virgilio d'Avellar Arez, visconde de Maiorca, visconde da Olivá, visconde de S. Sebastião, Antonio dos Santos Jorge, Alberto Batalha Reis, Fernando Mattos Chaves, conde de Mendia (Eduardo), Miguel Fernandes Potes, João Valente Mascarenhas, Julio Francisco de Moraes, Alexandre Siqueira Lopes, João Christiano da Silva, Ernesto Navarro, Adalbert de Carvalho, José Raul Serrão Barbosa, Francisco de Mello Costa, Carlos Gomes Carneiro, Carlos de Moraes Palmeiro, Carlos Valente Mascarenhas, conde da Ponte, conde de Villa Verde, Domingos S. Pulido Garcia, Duarte Julio da Silveira, Edmundo Rivera, D. Fernando d'Almeida, Fernando de Beira Valle, Fernando d'O Bello, Fernando Testa, D. Francisco Almeida, Francisco Antunes de Mendonça, Francisco Guedes Garrido, Francisco Gorjão, Francisco L. de Vasconcellos, Francisco de P. P. da S. Bourbon, Francisco Alto Chichorro, Gonçalo de V. Pereira Cabral, Guilherme Brito Chaves, dr. Henrique Cisneiros Ferreira, J. J. de Macedo Junior, João Antonio Correia Pereira, João Facco Vianna, João de Jesus Plantier, João da Silva Bourbon, dr. João da Silveira Leitão, Antonio Praia, Joaquim Antonio Pacheco, Joaquim Rumina Junior, D. Jorge da Camara Lima, Jorge de Castilho, José Antonio de Siqueira, José Augusto D. Bello, José Augusto Quintella, José de C. Guerra Junior, V. G. H. Portugal, José de Lara Everard, José Lobo de Vasconcellos, José Pereira de Sampaio, José Maria G. de Mello, José M. V. Guimarães, José P. de Serpa, José R. S. de Barbosa Araújo, José Rodrigues F. Rebello, D. José de Serpa Pimentel, José de Sousa Teixeira, padre Cruz d'Almeida, José Luiz Cabral, Luiz Quintella, Luiz L. L. do Couto, L. Monteiro Nunes da Ponte, Luiz d'Oliveira Gonçalves, D. Luiz de Sousa Holstein, D. Luiz Vaz d'Almada, Manuel Facco Vianna, D. Forbes da Costa, Manuel M. A. da Silva Bruschy, Manuel de M. Pessoa d'Amorim Cardoso, Marianno de L. A. Gouveia, Marianno Gouveia Oudinot, Marquez do Lavradio, Armando S. Franco.

*Casa de banhos**Pateo de gymnastica**Salão de visitas**Sala de jantar**Escadaria — Primeiro lance**Corredor das aulas**Museu**Pateo de recreio*

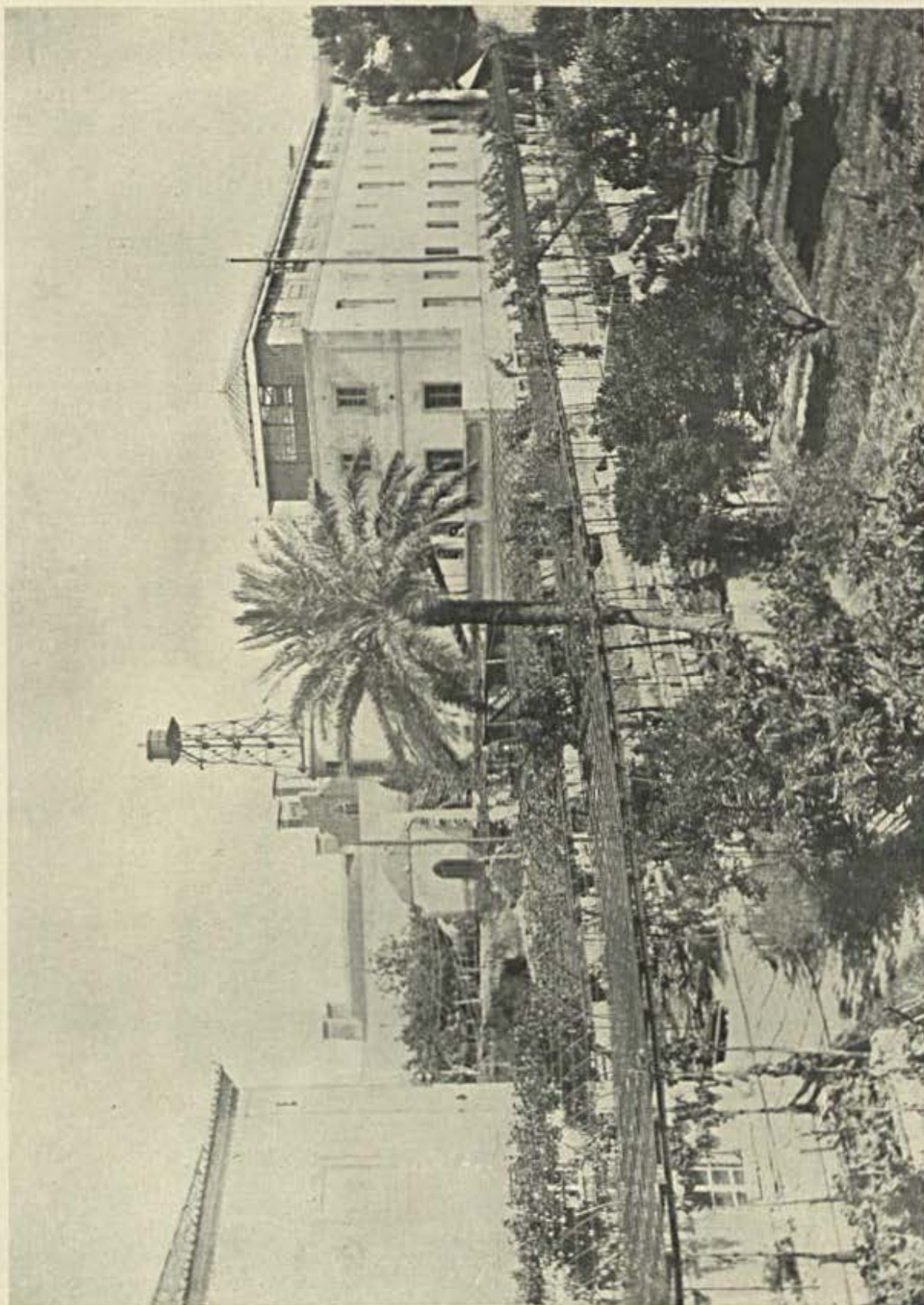
Um serão lisboeta em 1820

O VELLUDO negro da noite envolvia Lisboa. Os candeieiros de azeite allumiavam frouxamente as ruas, cuja iluminação era mesquinhamente reforçada pelas lampadas tremulas dos nichos ou santuários. As patrulhas dos *morcegos* ou da Guarda Real de Polícia faziam reluzir os canos das escopetas aos raios ictericos dos lampiões, avisando assim os gatunos de polpa, como eram o José do Porto ou o *Sucacem*, o Fabio, o barbeiro Lourenço l'ires, o *Candonga*, o *Cara Linda* e o preto do circo do beco do Carrasco, todos elles mestres da garotagem do Terreiro do Paço, que se escondia nas cabanas das vendedeiras d'essa praça. As se-

ges do Lagoia, do Coqueijo, do João Lanes e de outros segeiros de nomeada, paravam ao portal de uma casa da rua direita do Loreto, onde se realisava um serão ou uma *soirée*, como diriam as pennas descriptivas dos chroniqueiros modernos. Os convidados desceram d'esses caixotins balouçantes e foram aguardados na escada pelo creado grave, segurando dois castiçais nas mãos. Outro Mascarille luzitano ia recebendo os capotinhos e os saquinhos com os chales das senhoras, e os capotes escocезes, os capotes de baetão, as bengalas com castão de prata e as bengalas de dente de elephante, semelhantes a umas de D. João VI, que até possuia bengalas com castão de jaspe-sanguinho guarnecido de oiro e diamantes e com castão de oiro lavrado. As donas da casa acolheram as convidadas com as exclamações cumprimentei-ras usadas n'esse tempo: Minha alegria! Minha especial! Minha exquisita! Minha existencia! Meu disfarce para enleio! Neu sim! Meu mais que tudo!

As filhas da familia convidante principiaram por mostrar ás re-

Collegio de Campolide



Lavanderia e casa dos motores



Collegio de Campolide — Uma lição de esgrima

cem chegadas os seus bordados e os seus modelos de marcar, onde havia de tudo: armas, bandeiras, açafates, cordeiros, saloios e tafes vestidos no ultimo chefe, isto é, a Constituição. No entretanto, as senhoras cavaqueavam, dando *dom* umas ás outras, costumeira que principiava a generalisar-se na sociedade, enquanto os petizes faziam travessuras de tal tomo, que obrigavam os respectivos papás a gritar-lhes: Accommoda-te, que lá vem o frade que te leva na manga! Está quieto, que lá vem o fradinho da mão furada!

Começou o serão. Algumas discipulas do professor Galoso lançaram os seus foguetes de notas, os seus fogos de artifício musicas, ao som do piano de Clementi e do cravo de oitava larga. Uma afamada cantora amadora, D. Maria dos Prazeres Avondano, produziu delirio nas romanzas do *cysne de Pesaro*. Depois, viu-se abeirar do piano uma menina muito joven, toda vestida de azul, que ainda frequentava as aulas de *Madame Smith* na travessa da Assumpção, uma das predecessoras do Lyceu Constitucional, que dois annos depois se estabeleceria no palacio da Mitra (hoje pala-

cio Burnay), á Junqueira. Quasi todos se levantaram para a vêr. Dir-se-hia que se desenrolava uma bandeira. E essa creatura subtil e fina, como um anjo descido dos céos, cantou uma modinha, que, n'essa epoca, fazia a volta dos salões lisbonenses:

*Eu bevi sei dos teus amores,
Tud' tim tim por tim-tim,
Tu dizes que tal que não,
Eu digo que tal que sim.*

*Esse sim que tu lhe deste,
Foi dado por outro fim,
Pensar o mal, isso não,
Julgar o bem, isso sim.*

Depois de se ter ouvido um realejo, que tocou o hymno de 1820, e de um discipulo do violista Vidigal ter executado um trecho na



Grupo de alumnos do Collegio de Campolide que tomaram parte na representação do «Regente», de Marcelino de Mesquita

viola franceza, entrou-se na parte propriamente litteraria do sarau. Um mancebo todo secco, trajando como um *leão do boulevard* de Gand, isto é, de casaca azul com golla de velludo, collete de seda á franceza e pantalonas de ganga assucarada, recitou uma *decima* glosada sobre o mote:

*Eu vi Venus a lavar
Os coeiros de Cupido.*

*N'uma praia com luar,
Posta em mangas de camisa,
Junto de uma pedra lisa
Eu vi Venus a lavar;
De bater e de esfregar
Já tinha o corpo moído,
Porém, n'aquelle bolido,
As aguas turvas ficavam,
Que tão sujos estavam
Os coeiros de Cupido.*

Logo a seguir, appareceu um fanatico vintista, com a sua casaca azul, as suas calças curtas de rife, confeccionadas no elegante alfaiate Moraes, do Pote das Almas, e com os cabellos luxuriamente penteados pelo cabelleiro Plano, da rua do Oiro. Tomou uma attitude estatuarica, encostou o braço esquerdo á pedra do tremó doirado, mettu a mão direita na abertura do collete e recitou uma *decima* de José Daniel, referente á Constituição:

*Quando eu era pequenino,
Minha avó, santa mulher,
Já pretendia saber
Qual seria o meu destino;
Uma velha de mais tino,
Vendo-me os riscos da mão,
Lhe disse: Este mocetão
Para ver prodigios nasce!
Nem que a bruxa adivinhasse
A nossa Constituição!*

Um pisa-flores, vestindo casaca verde com forro de seda, collete de ramagens e pantalonas de meia azul, e trazendo a cabelleira penteada a capricho pelo cabelleiro francez Catelineau, declamou outra *decima* glosada no mote — *A mais formosa que Deus*:

*Eu com duas damas vim
De uma certa romaria,
Uma feia em demasia
E a outra um seraphim;
Vendo-as eu vir assim,
E só, sem amantes seus,
Lhes perguntei: Anjos meus,
Quem vos pôz em tal estado?
Disse a feia — que o peccado,
A mais formosa — que Deus.*

Mal acabava a recitação, já certo velhote se levantava do canapé de damasco, e, ostentando a sua niza de briche e as suas pantalonas de metim, pigarreou uma *decima* no genero torentiniano:

*Em amores o meu fado
Me trata com lei tão dura,
Que nos braços da ventura
Me vem fazer desgraça;
Faz um corpo delicado
Das minhas mãos prisioneiro
Quiz meu braço aventureiro
Ancas de neve tocar,
Sabeis o que foi achar?
Um arame e um travesseiro.*

Alguem fez rir as estopinhas, contando o caso de um conhecido poetaastro ter batido palmas no intervalo de uma recita de gala na Rua dos Condes e ter subido aos bancos da platéa, de onde recitou a seguinte *decima*, cujo fecho — *E não pôde dizer tria* — serviu de pois para accentuar popularmente o facto de alguém estacar no meio de uma empresa ou embuchar no meio de uma conversação:

*Gomes Freire, meus senhores,
Só na politica pensava,
Dia e noite meditava
Só na patria, seus amores;
Oh! quem dissese os horrores
Que a morte lhe traria!
Nos seus hombros — que agonia! —
Estava o carrasco já,
Quando afflicto exclama: Pa...
E não pôde dizer: tria!*

O serão correu jovial e artistico, pagando se farto tributo á litteratura, o que Aspasia elegantemente chamava: *sacrificar ás graças*. N'alguns grupos femininos praticou-se o jogo dos dotes, segundo ensinava um livro de José Daniel, e palestrou-se de assumptos de modas: de tonkina, rendas e meias bordadas, dos tufos de rendas que custavam tres mil réis e eram a ultima expressão francizista, das cabelleiras de coifa importadas de França, dos espartilhos feitos em Londres, das chitas, cassas e filós com que as damas arrostavam a inverno. Uma Philaminta, que tinha alguma coisa da

dureza patricia no seu perfil de agulha, assestou a luneta presa á fita de Malta, caçoou da moda das cinturas curtas, que, segundo as atoardas correntes, já se usavam em Paris, e censurou a teimosia de certas tafuas se apresentarem na rua de palhada na cabeça, corpinho bem feito e *indispensavel* na mão, mas sem os minimos abafos. Os penteados baixos com caracoos provocaram referencias amargas da parte de diversas senhoras, que choravam sobre as ruínas do seu passado e que ainda haviam sido penteadas pelo Pedro Maria, cabelleiro da princeza D. Carlota Joaquina e suspeito de maçon ao Pina Manique, e pelo Manoel Felix, cabelleiro de Madame Guildmester, esposa do edificador do palacio dos Seteais, em Cintra. N'outros grupos discretoou-se a respeito de festas mundanas, das reuniões da baroneza de Beduído, do visconde da Bahia e do conde de Cêa, da estação vernal em Bemfica e dos banhos de mar na barca dos Toneis; encomiou-se a nova *Assembleia Portuguesa*, onde os bailes principiavam ás sete horas e meia e terminavam á meia noite, e elogiou-se a riqueza da nova *Assembleia Estrangeira*, onde até os bilhetes de convite eram de prata.

Na roda dos tafues, converrou-se de coisas alegres, entremecendo-se a conversa com termos do calão elegante em uso: *patusco*, *pinóia*, *chalaça*, *caurim*, *pitó*, *cocanha*, *mujanguê* e *ameijoadas* ou noites perdidas. Alguns falaram dos ultimos acortecimentos politicos, da revolução de 24 de agosto no Porto, da repercussão que ella tivera em Lisboa em 15 de setembro, do desaire que soffrera o general Beresford, a quem não permittiram que desembarcasse, e da tarefa monumental, que, tanto militares como paisanos, lhe preparavam, se tentasse effectuar o desembarque.

P. de C., que conhecera os bastidores da conspiração de 1817, segredou que a viscondessa de Juromenha procurara embarcar na ponte de Porto Franco para ir visitar Beresford a bordo da nau, mas que o povo a insultara, obrigando-a a desistir da empresa.

Varios tafues fizeram circulo em torno das mesas e jogaram o *whist*, o cassino, o trinta e um, o voltarete, a manilha, a bisca, o espinheiro e os tres setes. E um Clitandro, capaz de fazer desmoroar todas as virtudes periclitantes, descreveu a sua viagem ao turbilhão infernal da vida parisiense, os salões puritanos, onde a conversação tinha uma flor de espirito e uma espuma de finura, e as tardes de Longchamps, onde se pavoneavam as elegancias, copiadadas dos que tinham *haute main* sobre as modas masculinas — o conde de Artois e o duque de Berry. Pintou, com enthusiasmo, essa mocidade filha da Revolução, que seguia os altos estudos, e repulsava o sensualismo dos discipulos de Condillac e a dialectica engenhosa de La Harpe, para se voltar para os novos horizontes rasgados pelas campanhas napoleonicas, pela *Allemanha* de Madame de Staël e pela eloquencia cathedracica de Cousin, Guizot e Villemain.

Soara o momento physiologico do beberête. A alegria de viver parecia rir na scintillação dos crystaes, dos diamantes e das espaldas brancas, sobre as quaes estava suspensa essa nuvem de perfume e de vapor, que nos prende os olhos e a alma quando penetramos n'uma estufa. Os creados entravam com as bandejas de prata, em que traziam o chá, o marrasquino, a hortelã-pimenta, os licores de rosa, de canela, de aniz, de amêndas, de cravo, de baunilha e de ratafia. Serviram os pasteis do celebre pasteleiro do Rato, as fatias, as bolachas de debuxo, os doces em pucaras e a marmelada de Odivellas em covilhetes. Terminado o beberête, seguiu-se a parte dansante, em que o velho *ré* produziu enthusiasmo, e a valsa poz em evidencia as graças frageis dos discipulos de José Zenoglio, que então ensinava a sublime arte dos balancês ás pernas do mundanismo.

Eram dez horas quando os convidados principiaram a retirar-se. Na escada, repetiram-se as despedidas, que se prolongaram durante minutos sem fim, a ponto das velas bugias, que o creado tinha na mão, arderem quasi até ás arandellas. No entretanto, ouviam-se as phrases de despedida: Oh meu sim, se cá vier a modista, manda-m'a lá a casa para me fazer um chapéo á Constituição! Oh minha existencia, não se esqueça dos debuxos que lhe pedi! Adeus, minha alegria.

Passados curtos instantes, os convidados aconchegaram-se na penumbra dura das seges, que partiram com a presteza de um vôo de andorinha, ao ruido dos chicotes applicados pelos bolieiros nos espinhaços fumegantes dos rocins esqueleticos. E Lisboa abysmava-se n'um silencio de morte, semelhante a uma cidade adormecida por um poder fatal...

PINTO DE CARVALHO (Tinop).

DOLORA

As minhas illusões vejo-as maguado
Como o que deixa ao longe os seus parentes
Vê desenhar-se em rôlos transparentes
O fumo do seu lar abandonado...

E se cansado, ao regressar, procura
O pae, a mãe, a amada e os seus amigos,
Descansa tudo á sombra dos juzigos
Na inquebrantavel paz da sepultura!

JOÃO SARAIVA.

Navegação para o Brasil

Os esforços da Liga Naval Portuguesa, tendentes a accentuar a necessidade de uma carreira de navegação para o Brasil, a sua insistência junto dos poderes publicos para que, quanto antes promovam e auxiliem a criação de uma companhia poderosa capaz de lutar com uma concorrência tão inevitavel quanto natural, a sua propaganda, oral e escripta, em abono d'essa ideia, interessam vivamente os que acompanham de perto a nossa vida commercial, a nossa expansão ultramarina e os mercados brasileiros. Do exito de propaganda tão patriótica depende, em grande parte, a nossa vida economica, subsidiariamente a financeira e, acima de algarismos e estatisticas, o prestigio moral da nossa colonisação sul-americana, ameaçada, contrariada, batida em brecha por concorrentes mais activos, mais praticos e, sobretudo, mais previdentes.

Nas esferas politicas, nos centros de influencia e cultura da nossa terra, é geral a ignorancia a respeito dos homens e cousas do Brasil. Menos sciencia temos do que por lá vae do que no tempo de Pedro Alvares Cabral. Quem lá viveu alguns annos com animo desprevenido, resolvido a vêr, entender e, consequentemente, prevêr, pasma, ao regressar á patria, dos erros grosseiros accumulados sobre a civilisação d'essa joia da audacia e arte colonisadora portuguezas no tempo em que havia braços para pelejar e cabeças para organizar *Oculus habet et non videt; aures habet et non audit*, lá diz a Escripura, e os responsaveis pelo presente e futuro nacionaes nem teem olhos para vêr nem ouvidos para ouvir. Porque se os tivessem, nem lhes passariam despercebidos os progressos do direito politico, civil e commercial brasileiros, nem o desenvolvimento da sua instrucção, nem a curiosidade mental dos habitantes d'aquella terra feracissima, nem a sua assimilação maravilhosa de todas as conquistas mentaes do Velho Mundo, nem a cubiça com que todos os povos de industria intensa, agricultura prospera e commercio vasto olham esse colosso apto á colonisação de todas as raças porque possui todos os climas, todos os solos e todas os productos.

Como quem observou de perto os factos «manu a manu» conviveu com os homens; como quem detesta esse patriotismo facil, berrador e elubista, da pharmacopéa partidaria; como quem lucrou em experiencia o que em illusões perdeu, a ideia de que, por ineptia e imprevidencia, poderemos vir a perder o mercado brasileiro, preocupa-me e assusta-me pelas graves consequencias que esse desastre poderia ter. Além de uma faixa continental estreitissima e de uma Africa onde a colonisação mal se esboça e cujo dominio poderosos antagonistas tornam precario e angustioso, é o Brasil, ao menos por agora, o nosso grande mercado exportador, para os productos e para os livros, para a lavoura e a mentalidade, para as ideias e para a lingua, e de lá vem em remessas constantes, como fonte perenne da saudade, do patriotismo e dos laços da familia, uma grande parte do ouro que alimenta a nossa economia provincial e, por via d'esta, a nação inteira.

Bem sei que, mais tarde, á força de actividade e iniciativa, quando os nossos dominios ultramarinos estiverem aparelhados para a drenagem das suas riquezas, a Africa poderá substituir o Brasil nutrido, tonificando, revigorando o continente exangue. Mas quando? Ninguém o sabe. Nem por esse facto deixarão de mourejar no Brasil *dois milhões* de portuguezes, mais de metade da população reínicola. Mais de metade, em numero; muito mais, incomparavelmente mais, em forças vivas, productoras, reproductivas.

Tempos houve em que de facto tivemos o monopolio do commercio importador de productos agricolas como ainda hoje alli temos, em percentagem avultada, o do commercio a retalho. Além da identidade da lingua e da continuidade de tradições, o portuguez conquistara essa situação excepcional pela sua actividade verdadeiramente assombrosa, pela lizura dos seus processos, pelo seu temperamento esmolero e generoso, pela sua habilidade em conquistar a sympathia do consumidor. Mas mudam os tempos, mudam os costumes e, pouco a pouco, italianos no centro e no sul, allemães nos Estados meridionaes, hespanhoes por toda a parte, foram furando e medrando á nossa custa, restringindo-nos devagar mas incessantemente a esphera de acção, creando-nos uma concorrência que só poderá ser compensada pela intervenção e auxilio do Estado sob pena de ruina imminente.

Não são illusorios os receios que trazem anciada uma parte da lavoura e do commercio portuguez nem com pilherias, remoques e desdens mal cabidos se replica a factos positivos. Certo é que nações productoras de generos similares aos nossos, fartas em vinhos, em azeites, em batatas, em cebolas, em fructas, em conservas, namoram ha muito o mercado brasileiro, e não é menos certo que o Brasil, por muito que nos ame, não renunciará totalmente a vantagens reaes para a sua economia e finanças. Exigir o contrario seria desconhecer o A B C da politica commercial, que hoje orienta todos os paizes e determina os respectivos governos. «Toma lá, dá cá»: eis o mote, a divisa moderna, substituindo as antigas legendas da poesia cavalleiresca.

De todos esses concorrentes, a Hespanha é de momento, e mais

perigosa. Se, como dizem e é já senai official, ella offerece ao Brasil, em troca de favores pautaes, a livre entrada dos cafés brasileiros, só a santa ingenuidade da nossa gente será capaz de admitir uma recusa da nação solicitada. Ponham o caso em nós e consultando a sua consciencia, digam sinceramente se renunciariam, de mão beijada, a esse presente régio!

Não creio, porém, que o Brasil conceda á Hespanha favores pautaes superiores aos que concede aos nossos productos. Sendo assim, como conquistaria a Hespanha a superioridade na concorrência? Pela navegação directa, em vapores nacionaes, passeando a bandeira hespanhola pelos mares que descobrimos, substituindo-a á nossa junto das terras que colonisamos.

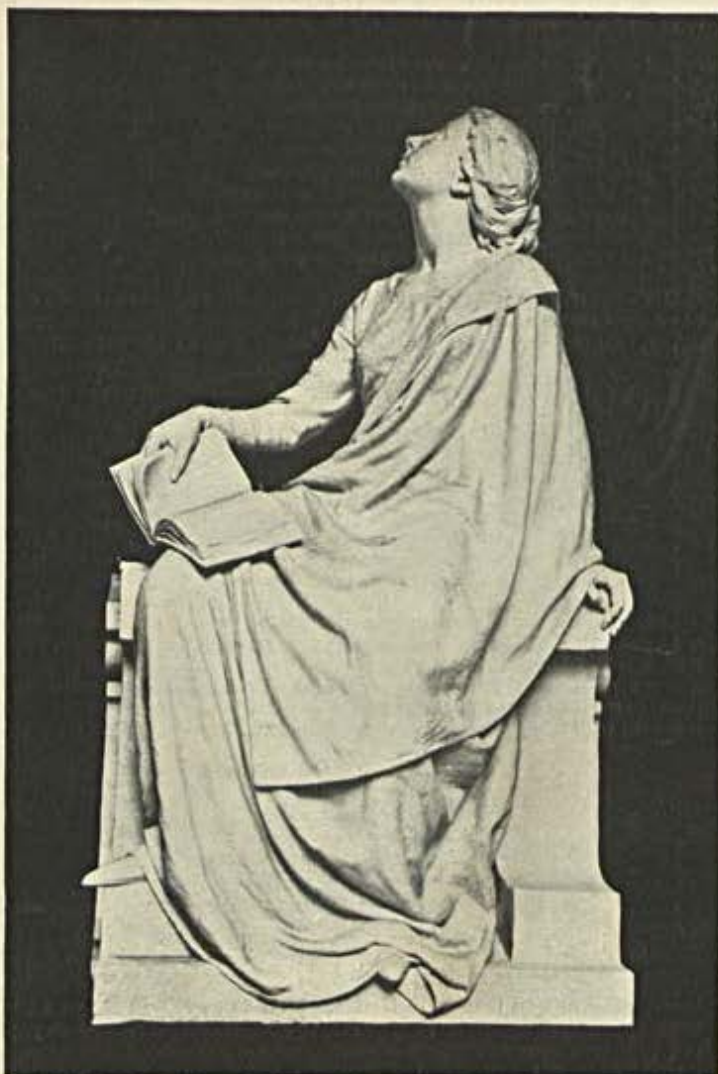
Eis o perigo, o maior perigo, o unico perigo verdadeiramente grave.

Com favores pautaes identicos e uma carreira de navegação tambem sua, tambem directa, não recearia o commercio portuguez a concorrência hespanhola. Graças a Deus, fóra da nossa terra, tornamo-nos outros homens, fortes, viris, activos, emprehendedores e, acima de tudo, patriotas, amando a patria com um amor immenso, sacrificando por ella o proprio interesse material, rezando-lhe no recato do lar e honrando-a ostensivamente em actos de pratica e effectiva coadjuvação. Decem lhes armas eguaes, aprestem-nos decentemente para a luta e os nossos compatriotas residentes no Brasil saberão defender-se e defender a economia nacional.

CUNHA E COSTA.

De todos os lucros, o unico que mais inconsolavel deixa verdadeiramente o homem é o da mocidade.

CHEVILLE



A estatua da Sciencia

No novo monumento ao dr. Sousa Martins, erigido no Campo dos Martyres da Patria, em frente da Escola Medica